



## **A trajetória singular de um psicanalista: apresentação de Luiz Eduardo Prado de Oliveira**

*The singular trajectory of a psychoanalyst:  
presentation of Luiz Eduardo Prado de Oliveira*

**Francisco Verardi Bocca, Eduardo Ribeiro da Fonseca, Vinícius Armiliato\***

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR, Brasil

---

Nascido em 1946, no Rio de Janeiro, Prado de Oliveira deixou o Brasil em 1968. Hoje vive em Paris onde é psicanalista e professor emérito de psicopatologia, supervisionando pesquisas doutorais no *Centre de recherches Psychanalyse, Médecine et Sociétés*, da *Université de Paris 7 — Diderot*. Nos últimos anos tem orientado inúmeros estudantes brasileiros e de outros países interessados pela psicanálise. No Brasil é professor convidado do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Seus trabalhos mais recentes incluem a tradução para o francês da *História da literatura ocidental*, de Otto Maria Carpeaux, e livros que abordam pontos específicos da história da psicanálise. Citamos aqui *L'invention de la psychanalyse: Freud, Rank, Ferenczi* (Campagne Première, 2014), *Sándor Ferenczi: la psychanalyse autrement*

---

\*FVB: Doutor em Filosofia, e-mail: francisco.bocca@pucpr.br

ERF: Doutor em Filosofia, e-mail: eduardorfonseca@uol.com.br

VA: Mestre em Filosofia, e-mail: viniucius.arm@gmail.com

---

(A. Colin, 2011). Recentemente publicou o livro *“La haine en psychanalyse – Donald Winnicott, Masud Khan et leur triste histoire”* (Montreal: Liber, 2018). Atualmente está preparando uma publicação em que propõe uma história marginal da psicanálise.

A entrevista permite bem visualizar como sua formação foi nutrida por particulares acontecimentos históricos e campos de atuação: leituras precoces de filosofia, atuação intensa com teatro e cinema, graduação em Economia, vivência da filosofia materialista histórico-dialética através de sua militância na esquerda durante o período mais violento da ditadura militar. Na França, trabalhou por mais de 30 anos em hospitais psiquiátricos de Paris, doutorou-se em psicopatologia sob a supervisão de Jean Laplanche, praticou a docência e não deixou de publicar ao longo de sua carreira.

Prado de Oliveira não é apenas um psicanalista, filósofo, tradutor ou um historiador da psicanálise. Trata-se de uma testemunha e de um ator de acontecimentos que marcaram os rumos da história brasileira, e das várias transformações da psicanálise na França desde a década de 1970. Nesse sentido, essa entrevista permite apreciar as tendências da política e da psicanálise a partir do olhar inquieto de quem se posiciona às margens.

### **Entrevistadores – Como se deu o seu interesse pela psicanálise e pela filosofia?**

*Prado de Oliveira* – Desde quando eu era muito criança meus presentes de aniversário eram livros. Aos 11 anos eu ganhei a coleção *Tesouro da Juventude*. No internato eu lembro que a levava debaixo do meu braço. Minha mãe tinha feito a assinatura do Correio da manhã e eu vi um poema do Ferlinghetti e eu já sabia inglês. Eu o traduzi para o português. Eu também vi um anúncio do começo do curso da Companhia de Teatro dos Sete, fui lá e me inscrevi. Lembro que quando fiz a audição para ser aluno deles, estavam na plateia Ítalo Rossi, Sergio Brito, Gianni Ratto e Fernanda Montenegro. Li *E agora, José?* do Drummond. Li de uma maneira tal que eles riram. Na hora de sair, a Fernanda Montenegro perguntou: “Qual é a tua idade, meu filho?”. Eu disse: “13 anos”. Ela falou:

“É, tá precoce isso, né? vamos ver”. Depois recebi a notícia de que eu tinha sido aceito. Estudei com eles durante 3, 4 anos e fiz algumas peças de teatro. Fiz *Somos todos do jardim de infância*, do Domingos de Oliveira e então o Ruy Santos me chamou para fazer um filme na Bahia.

### **Entrevistadores – E isso foi em que ano?**

*Prado de Oliveira* – Em 63. O filme se chamava *Os Corumbas*, e trabalhando na equipe tinha o Sergio Muniz e o Carlos Alberto de Souza Barros. O Ruy era do Partido Comunista e eu conversava muito com o Sérgio Muniz e com a esposa do Ruy Santos. Nós ficamos morando lá em Salvador. Eu não era propriamente um cara de esquerda, mas em contato com essa gente eu fui ficando, fui vendo a massa, vendo o povo se reunir para apoiar João Goulart e, quando teve o golpe, eu estava lá em Salvador, e eu fiquei furioso. Pessoalmente furioso, como se fosse uma coisa comigo.

### **Entrevistadores – Nessa época o que você lia?**

*Prado de Oliveira* – Eu era um ator, tinha lido sobre Stanislavsky, já me interessava por Filosofia, eu lia Aristóteles, *A arte poética*, para o meu teatro. Eu lia peças de teatro de uma maneira histórica, me interessava por filosofia e história. Daí veio o golpe. Então telefonaram para a Bahia e me disseram: “Olha, vão queimar os livros que estão na Cinelândia, o que eu faço?”. Eu falei: “Salvem os livros que são mais prováveis que queimem. Salvem os livros do Marx, do Lenin, do Mao Tsé-Tung. Salvem os livros que eles vão queimar”. Eram todos os que até então eu conhecia. Mas eu tive que ficar escondido num aparelho de uns 3 a 5 meses.

### **Entrevistadores – O filme foi cancelado?**

*Prado de Oliveira* – Claro, claro, o filme foi cancelado. Mas meu retrato estava nos jornais e tal: “Jovem ator carioca vai fazer o líder operário

de *Os Corumbas*". Já tinha uma publicidade. Mas aí eu voltei para o Rio e fui retomar minha vida estudantil. Eu fui aluno do Pedro II. Eu lia aqueles livros do Marx, Lenin, Mao Tsé-Tung, mas eu procurava ler as referências que eles davam. Eu me interessava pelo lugar deles na filosofia. E lia também obras como o Shakespeare, porque o Marx citava. Isso de me interessar pela fonte dos textos que eu estava lendo já era uma coisa antiga, da minha adolescência.

### **Entrevistadores – E você acabou conservando todo esse modelo de abordagem do autor.**

*Prado de Oliveira* – Polissêmica, né. Poliglota, poli alguma coisa. Daí, logo no segundo ano da faculdade, uma menina me recrutou para o Partido Comunista. Eu cursei economia. A economia era a filosofia na prática. O Karl Marx não faz economia. *O capital* é a dialética hegeliana na prática. Eu achava uma besteira quem dizia que *O capital* é um delírio, que não corresponde a nada. Eu achava que correspondia sim. No período entre 1850 e 1900, economia e psicologia eram coisas que iam muito juntas. Por exemplo, os *Manuscritos* de 1844, do Marx, permitem que a gente anteveja a psicanálise. Eu acho que um autor como Ferenczi, por exemplo, tem teses que são muito próximas das teses marxistas, dos jovens hegelianos de esquerda, do Feuerbach, por exemplo. Mesmo o pensamento de Freud me parecia muito impregnado do pensamento do Feuerbach, da *Essência do cristianismo*, e tudo isso. Então, na faculdade me recrutaram para o Partido Comunista. O movimento estudantil estava se organizando para resistir ao golpe e aos planos da ditadura para o movimento estudantil, que era privatizar as universidades.

### **Entrevistadores – Na época isso já era uma política do MEC?**

*Prado de Oliveira* – Sim. Houve uma resistência grande dos estudantes contra isso. Então eu virei logo secretário político da base do Partido Comunista da PUC-Rio de Janeiro, porque eu era considerado um

intelectual, visto a minha leitura, os meus conhecimentos em teoria materialista histórico-dialética. E fomos para uma reunião e algumas pessoas começaram a criticar muito seriamente a direção do Partido Comunista. Então eu comecei a votar com esses dissidentes. Pouco tempo depois teve um congresso dos estudantes e o Vladimir Palmeira propôs o meu nome como vice-presidente da União Metropolitana dos Estudantes da Guanabara. Eu fui eleito vice-presidente, com o Daniel Aarão Reis, durante 4 anos, porque a gente foi eleito um turno e depois foi reeleito. E paralelamente a isso, me recrutaram para a Dissidência Universitária da Guanabara, onde eu entrei como secretário de massas da dissidência. O comitê central da dissidência universitária da Guanabara era o comitê dos intelectuais. E eu lutava entre os intelectuais, por conta disso tudo que eu já falei. Então eu tive uma dupla atividade. Eu organizei os movimentos estudantis na Guanabara de 67 a 68 com o Daniel Aarão Reis e eu organizava bases de leitura e estudo de Marx, Lenin e Engels, situando-os historicamente. Esses grupos de estudo existiram por muito tempo, de 66 a 69.

**Entrevistadores – Era uma prática de se organizar em grupos, estudar, fazer leituras. E você o fazia por ser considerado o estudante mais amadurecido, então coordenava esses grupos.**

*Prado de Oliveira* – O pessoal da Dissidência Universitária da Guanabara sempre ocupou uma posição muito particular por esse fato, eles tinham uma capacidade de análise maior. Nos meus grupos de estudo foram formados Franklin Martins, Cid Benjamin, Fernando Gabeira, jornalistas, etc... E isso obedecia ao mesmo esquema. As bases da classe média saíam e lutavam com os simpatizantes e começavam os grupos de estudos a dar uma formação teórica a eles. Daí ocorreu que a polícia prendeu os primeiros 18 estudantes e começou a se falar muito de raptar o embaixador americano para soltar aqueles 18 estudantes. E era uma ideia excitante, mas ao mesmo tempo uma ideia perigosa. Porque raptar, e daí? E de toda maneira parecia ser cutucar a fera com a vara curta. Virou um conflito de geração. Os alunos que eu tinha

formado queriam raptar e eu que tinha sido professor era contra. Eu pensava que outros caminhos eram possíveis. Durante esses anos, eu estudei muito a história da Revolução Russa e da Revolução Chinesa. E eu sabia como as massas se organizavam para fazer a revolução. E eu não via massa nenhuma sendo organizada. E eles se baseavam muito na teoria do Guevara. Achavam que o Guevara tinha razão. Era o foquismo. Nessa época eu fiz um estudo para mostrar ao pessoal que o foquismo ia, sem apoio das massas, desembocar num banditismo. Mas eles insistiam que não, que as massas iam se sublevar. Eu via que em Cuba as massas já estavam sublevadas, já tinham um partido comunista e um movimento operário poderosos quando Fidel Castro e Che Guevara começaram a guerrilha deles.

### **Entrevistadores – E houve a experiência da Coluna Prestes também.**

*Prado de Oliveira* – Eu não achava que a Coluna Prestes tivesse algo de heroico. Eu via a Coluna Prestes como uma tentativa brasileira de repetir o que foi a Marcha dos 100 mil na China, mas sem 100 mil. Foi um punhado de soldados que percorreu o Brasil, correram de um lado para o outro, sem nunca, sem em nenhum momento, conseguir uma adesão das massas como tinha acontecido na China. Então, me parecia que era sempre a ideia de que uma Revolução precisa repetir o que aconteceu com as revoluções anteriores, quase como para metabolizar, quase como para digerir a experiência da outra antes de descobrir sua própria experiência. Nunca tinham mobilizado as massas para acompanhá-las.

### **Entrevistadores – Seja de operários, estudantes, militares. Sempre cúpulas que tomavam iniciativas e isso não inflamava...**

*Prado de Oliveira* – O movimento operário não se interessava pelo que a esquerda podia fazer. Nós tivemos ações nos bairros operários e era uma catástrofe. As meninas iam falar para os operários, explicar coisas e os operários passavam a mão na bunda delas. Não era uma coisa

consequente. Não era uma coisa que adquiria aquele aspecto revolucionário. Não havia uma literatura revolucionária. Tanto na Rússia quanto na China, independentemente da filosofia, independentemente da teoria política, havia uma literatura revolucionária importante. Uma arte revolucionária. *Que fazer?* do Lenin, antes de ser o título de um tratado político, é o título de um romance que descreve a situação que os jovens viviam, as soluções que eles iam encontrando, como é que eles iam adquirindo o contato com o povo. Então, nada disso existia, no Brasil.

Na semana precedente ao rapto do americano, meus antigos alunos vieram a mim e disseram: “Olha, a gente vai raptar. Você é contra. Ou você entra na clandestinidade ou você desaparece. Porque os homens vão vir em cima de você. Foi você que organizou teoricamente isso tudo, você é o culpado”. Eu disse: “eu não sou o culpado porra nenhuma”. Mas em todo o caso, eu providenciei meu passaporte e uma passagem para Paris.

Mas eu resolvi não ficar em Paris e resolvi ir pra Londres, para tentar fazer uma análise em Londres, porque eu estava muito chocado. Quer dizer, o mundo tinha desaparecido, meu mundo tinha ruído. Era a sensação de que o nosso mundo tinha sido destruído. Tudo o que a gente tinha planejado de vida no Brasil, seja como cineasta, seja como jornalista, seja como intelectual, tinha dado errado e eu não tinha perspectiva de retornar. Eu era muito mais fluente em inglês do que em francês e achava que a Sociedade Britânica de Psicanálise correspondia a uma tradição psicanalítica muito mais severa, muito mais estabelecida do que o que acontecia na França. E para Londres fui. Fiquei vivendo lá por 2 anos. Quando eu estava em Londres chegaram os que tinham sido liberados pelo rapto do embaixador alemão, os 40 que foram para lá. A primeira leva foi para Cuba, a segunda foi para a Argélia. A terceira foi para o Chile. Eu entrei em contato com eles, fui lá conversar com eles, para saber se eles precisavam de alguma coisa. Eram os meus antigos alunos, o Cid de Queiroz Benjamin, Daniel Aarão Reis, Vera Sílvia Magalhães, Fernando Gabeira, entre outros.

---

## Entrevistadores – Também ocorreram outros sequestros...

*Prado de Oliveira* – O rapto do americano mandou 18 para Cuba. O rapto do alemão mandou 40 para a Argélia. O rapto do suíço mandou uns 80 para o Chile. Depois, a ditadura resolveu que não ia mais negociar e ia matar. Daí a esquerda resolveu que ia matar também. Virou um tiroteio. Então, lá na Argélia, o Cid de Queiroz Benjamin pediu para eu criar uma rede internacional de apoio médico, de documentos e de dinheiro para a esquerda. Tinha muita gente que tinha sido torturada, levado bala e que precisava de tratamento médico. A Argélia não tinha condições de dispensar esse tratamento na época, Cuba ainda não tinha a medicina que veio a ter depois, a Itália proibia a entrada de militantes da esquerda brasileira, pois o Partido Comunista Italiano era contra os foquistas e muito poderoso na época. Sobravam os países escandinavos, mas os militantes não falavam inglês, os escandinavos não falavam português e então sobrava, na prática, a França e a Suíça, que apesar de não reconhecerem os movimentos, de não quererem dar asilo para os brasileiros, eles admitiam a presença. Eles tinham uma posição ambígua em relação à esquerda brasileira e em relação ao golpe. E eu mantinha os contatos com os médicos da Esquerda Proletária e da Liga Comunista, em Paris, que eram muito poderosos naquela época. Tinha um médico cirurgião, o Krivine, que era um papa da medicina em alguns hospitais. Então era possível pegar os militantes brasileiros que estavam na Argélia, tirá-los da Argélia, fazendo com que eles percorressem a Itália e que entrassem clandestinamente na França. Os trazíamos até o hospital de Krivine no subúrbio parisiense para operar clandestinamente, porque as equipes do Krivine também eram militantes de esquerda. Por exemplo, eu fui ao Chile buscar a Helena Bocayuva Cunha, porque ela estava ruim lá, tinha fugido do Brasil, precisava vir pra Europa pra poder ser tratada, precisava de alguém para poder estar acompanhando ela. E assim foi durante alguns anos a minha militância na França.

## Entrevistadores – E como se deu a entrada na universidade francesa?

*Prado de Oliveira* – Lembro que eu fui buscar um militante também na fronteira da Alemanha do Leste com a Alemanha do Oeste, o cara estava fugindo da Alemanha do Leste, porque era do Partido Comunista Russo na Alemanha do Leste, e eles não queriam saber dos esquerdistas brasileiros. Então nós éramos perseguidos pelas polícias burguesas e da ditadura e éramos rejeitados pelos partidos comunistas, e daí eu não sabia o que fazer e uma amiga me aconselhou conversar com o Arbousse-Bastide, um professor que já tinha ficado 10 anos no Brasil. Ele veio com a turma do Lévi-Strauss, participou da fundação da USP, da “missão francesa”. Eu o encontrei e ele foi muito acolhedor, perguntou o que eu queria fazer. Eu disse, “olha, eu não sei direito o que eu quero fazer. Eu fiz economia no Brasil, mas eu não estou a fim de retomar a economia aqui”. Porque a economia no Brasil tinha um sentido preciso, era a aplicação dos ensinamentos marxistas num país que estava por se constituir. Agora não tem mais nenhum país que vai se construir. E o pessoal com quem eu estava em contato nos hospitais me disse “Luiz Eduardo, se você vai ficar trazendo gente aqui, trabalhando nos hospitais, seria melhor se você tivesse uma graduação que justificasse você estar por aqui”. Eu já tinha um interesse por psicologia, pois eu já tinha feito uma análise de 4 anos no Rio, tinha lido Freud e tinha minhas opiniões sobre ele. Então como eu já tinha a graduação fui direto para o segundo ano do mestrado em psicologia. E o acordo com o Arbousse-Bastide é que eu ia fazer uma tese com o Jean Laplanche para poder ter um doutorado que me capacitasse ainda mais a trabalhar nos hospitais. E a partir daí eu poderia ser psicoterapeuta. Comecei, com o meu trabalho no hospital, a me interessar mais pela psicanálise, retomar minhas leituras de Freud, ler ativamente os psicanalistas da história da psicanálise, Freud, Melanie Klein.

O Laplanche e o pessoal da *Paris 7* não gostavam muito de Lacan. Então num primeiro tempo do meu estudo eu tive aquele ranço de não querer me interessar muito pelo Lacan. Parecia complicado, eu não entendia, era muito leviano. Do Brasil me disseram para conversar com três psicanalistas da França: Lacan, Lebovici e Lagache. Com o Lebovici e com

o Lacan a conversa foi catastrófica, porque o Lebovici, desde o momento em que ele me deu a mão, não era para apertar a minha mão. Ele me deu a mão para mostrar os anéis dele para que eu beijasse a mão dele. E o Lacan, eu entrei no consultório dele e ele disse: “Pode deitar”. Eu falei: “Mas eu não estou vindo aqui para deitar. Eu estou aqui para conversar contigo. Para conversar com o Sr. a respeito de qual é a situação aqui na França, qual é a situação da psicanálise na França, o que cada um está propondo”. Ele falou: “Deita”. Eu falei: “Não, eu não vou deitar”. E então ele falou: “Então vai embora. 500 francos”. Eu falei: “Eu não vou deitar e nem vou lhe pagar 500 francos, porra!”. Daí ele tentou barrar o meu caminho, tentou não deixar eu sair. Eu falei para ele “Olha, o Sr. é idoso, eu sou jovem, vai ser uma situação desagradável”. Daí a alguma coisa ele saiu da frente da porta, eu fui embora e nunca mais falei com ele.

O Lagache, eu cheguei na casa dele num sábado, já muito angustiado porque tinha passado pessimamente com os dois outros. Ele me deixou esperando uma meia hora e eu estava mais angustiado ainda. Quando ele veio eu falei: “Olha, os psicanalistas brasileiros disseram que era pra eu conversar com o Lebovici, com o Lacan e com o Sr. pra saber o que eu vou fazer”. Ele disse: “Você tem certeza que é isso? Você não está aqui para fazer uma análise?”. Eu disse “Não estou aqui para fazer uma análise. Não sei com quem eu farei análise, estou aqui para conversar”. Ele disse: “Ótimo, vou abrir uma garrafa de vinho, você toma um vinho comigo?”. Aí ficamos lá por 2, 3 horas, tomamos duas garrafas de vinho, o melhor vinho, ele me levou para cave dele, contou a história do movimento psicanalítico francês, e não me cobrou nada. Fiquei amiguinho dele, ainda voltei para conversar.

## Entrevistadores – E o doutorado?

*Prado de Oliveira* – O doutorado com o Laplanche foi muito rápido, eu comecei em 72. Eu propus para ele o tema “Gênese no pensamento kleiniano: Freud, Abraham, Ferenczi”. Ele me disse, “Olha, se você pode escrever esse doutorado, você não escreve um doutorado, você escreve um

livro. E se você não pode, você está perdendo o nosso tempo”. Era um pouco desonesto como argumento, porque eu podia escrever um livro e ainda assim precisar de um doutorado. Mas, ele falou: “Se você quiser fazer um doutorado comigo, reformula o teu texto. Faz alguma coisa que ninguém conheça”. Eu disse, “disso que eu tô falando ninguém conhece, mas tá bem, eu vou reformular o meu texto”. Então eu estava estudando a história da psicanálise, cheguei no Schreber e percebi que havia muitos artigos de língua inglesa sobre o Schreber que não estavam traduzidos em francês. E tudo se passava na França, como se os lacanianos tivessem sido os únicos a se interessar pelo Schreber. Não havia tradução correta do Freud, dos estudos do Freud sobre o Schreber na França. Havia uma tradução meio capenga da Marie Bonaparte e não havia ainda tradução do livro do Schreber. Então eu traduzi todos os artigos de língua inglesa, e isso foi minha tese doutoral. E saiu imediatamente publicado na *Presses Universitaires de France* o *Caso Schreber, contribuições psicanalíticas de língua inglesa*. Mas eu, nos meus estudos sobre o Schreber tinha percebido que eles todos o tratavam como um mero psicótico, e o Schreber não era um mero psicótico. Não somente ele tinha sido presidente de tribunal, o que supunha então um percurso, com tudo o que vai acompanhando um presidente de tribunal: era um homem extremamente culto, presidente de uma associação de amizade franco-alemã, tinha lido muito Goethe, Byron, Eugène Sue, conhecia Baudelaire, adorava ópera. Não era um “louco” qualquer. Aliás, Freud tem uma intuição disso: no fim do estudo dele diz: *as ruínas das sublimações nos deixam imaginar o que foi a violência da supressão*. Mas ele, que era tão interessado em ruínas, não se interessa por essas ruínas do Schreber. E, paralelamente à minha tradução, eu ia estudando o que seriam as ruínas do Schreber. E dá para descobrir muita coisa interessante. Ele menciona o judeu errante, por exemplo, como sendo um precursor do que estava acontecendo com ele. Ora, o *judeu errante* é o título de um poema do Goethe. É também o título de um romance do Eugène Sue. E é o título de um romance do Eugène Sue que foi transformado em peça de teatro e que estava já em exibição lá na cidade onde o Schreber estava, no hospital psiquiátrico. Lá na cidade de Schreber, em Leipzig. Isso foi a minha tese. Ela tinha duas partes: uma que era teoria

e a tradução e outra que eram as pesquisas sobre a presença da arte no delírio do Schreber. O que é um antigo interesse meu.

O Marx diz: “Vocês querem saber qual é a melhor maneira de compreender a sociedade burguesa? Leiam Balzac”. Daí eu li, e lia o Balzac. Peguei lá os 3 livros dele que mais falam sobre a sociedade burguesa, que é *O pai Goriot*, *o Esplendores e misérias das cortesãs*, e *As ilusões perdidas* e, sim, o Marx tem razão, ele descreve como funciona a sociedade burguesa com seus marginais. O Marx diz, “pra compreender o dinheiro, vocês têm que ler o Shakespeare”. Daí eu ia e lia o Shakespeare. Então o Schreber diz “pra compreender o meu delírio tem que ler Goethe, Byron e Weber”. Daí eu lia Goethe, Byron e Weber. É uma postura metodológica de leitura que independe da época da minha vida, veio muito cedo. Quando eu avancei nos meus estudos sobre Freud me parecia evidente que ele obedecia a uma tradição filosófica, a uma tradição psiquiátrica. Mas a própria tradição psiquiátrica teria que estudar a formação da psiquiatria. A psiquiatria sai da filosofia. Ela sai de um ramo da filosofia onde os filósofos se interessavam demais pelo corpo, pelo que acontecia no corpo. E o próprio esforço do Freud em apagar todas as pistas e não dizer em relação a quais filósofos ele tem dívidas, me parecia uma coisa de mal pagador. Ele está querendo se apresentar como alguém que inventou a psicanálise *exnihilo*. O ponto não foi esse. Ele inventou a psicanálise dentro de um movimento. Como eu falei, os *Manuscritos* de 1844, com o que eles comportam de teses sobre a percepção, estão em muito tempo na frente do que o Freud vai formular, e você só percebe a existência disso num psicanalista como Ferenczi.

**Entrevistadores – E a sua carreira depois daí, como docente, como analista...**

*Prado de Oliveira* – A minha carreira psicanalítica, do ponto de vista das instituições psicanalíticas, foi absolutamente caótica. Na França existe um negócio que se chama racismo institucional. Provavelmente aqui em Curitiba nenhuma sociedade psicanalítica conta com negros no corpo de seus titulares, talvez nem mesmo como analistas. Então, basta ver os

dados estatísticos: qual é a população negra da cidade e quantos tiveram acesso à psicanálise. Aqui entra algo de racismo institucional e classismo. A organização social da psicanálise é inteiramente pautada sobre isso. Na França é a mesma coisa. No caso com estrangeiros, mas com negros e árabes franceses também. Não há em Paris nenhum grupo psicanalítico que tem um negro ou um árabe entre seus analistas didatas. Tem o Moustapha Safouan, que tem uma carreira importante, mas isolado. Eu fiz minha formação psicanalítica na *Association psychanalytique de France*, onde eu tinha tudo para me tornar membro. Mas num último momento interveio o racismo institucional: “Nós gostamos muito do Luiz Eduardo enquanto estrangeiro e enquanto ele vai voltar para a terra dele. Para ficar aqui e ser admitido como psicanalista aqui, a gente não o quer”. Um cara que é extremamente racista desse ponto de vista é o Winnicott. Nas cartas dele, ele diz: “Tal analista, indiano, seria um candidato excelente, no país dele, não aqui, eu posso fazer tudo pra ele se tornar analista no país dele, mas não aqui”.

Apesar de todo esse racismo institucional, dessa manifestação e de suas consequências negativas, acho que eles admitem que a possibilidade do exercício da psicanálise está implícita na participação em uma cultura. Eu fiz toda a minha formação psicanalítica na Europa e quando eu tentei voltar para o Brasil em 86 eu tinha dificuldade de analisar os pacientes brasileiros. Eu não sabia o que fazer com uma paciente que vinha de pareô, biquíni por baixo e deitava no divã, abrindo o pareô, só de biquíni e me dava beijinho quando chegava e quando saía. Eu não sabia o que fazer, era uma coisa inédita para mim. Eu não sabia se eu devia interpretar, se era cultura. A presença da sexualidade na análise aqui, a presença da intimidade pessoal do paciente com o analista, eram coisas que eu não estava pronto, que eu não estava preparado a metabolizar.

Eu não me integrei nas sociedades psicanalíticas, sempre tive muitas dificuldades de me integrar nas sociedades psicanalíticas, mas me integrei no trabalho em hospital psiquiátrico. Eu era o coordenador de 140 psicólogos, todos de orientação analítica e cada um de uma tenência diferente. Era um trabalho diplomático, de circulação de ideias e que deu lugar a um seminário. A gente chegou a organizar 2 ou 3 reuniões anuais, mas foi minado pelos lacanianos. E depois, como eu

escrevia demais, os universitários me chamaram pra apresentar uma *Habilitation à diriger des recherches* (HDR)<sup>1</sup>. Eu trabalhei 35 anos em hospital psiquiátrico e publicava muito. Publiquei 2 livros em inglês sobre o Schreber, depois traduzi as controvérsias entre Anna Freud e Melanie Klein, o que me dava uma visão absoluta de como funcionam as sociedades psicanalíticas e os conflitos dentro delas. Ocupei por 10 anos esse cargo na universidade, sempre escrevendo. Então me propuseram, já que eu gosto tanto de escrever, sair do hospital e ir para a universidade. O meu interesse, e o interesse da coletividade universitária era não que eu fosse professor, mas que eu fosse habilitado para orientar pesquisas e guardar meu posto, o meu cargo no hospital, o que me permitiria receber muitos e muitos estagiários e colaborar com a *Paris 7* nesse nível. Mas a influência de uma professora revelou outro aspecto do racismo institucional. Ela queria porque queria que eu fosse professor titular e para isso, insistiu para que eu saísse do hospital e fosse ser professor em Brest. Teria sido muito bom eu ser responsável hospitalar habilitado a dirigir pesquisa porque me permitiria receber os estagiários. Mas como professor numa cidade distante que eu não conhecia, eu estava no meio de conflitos dos quais eu não tinha a menor noção nem de que pudessem se agravar. Tinha um outro tipo de racismo que o Bertold Brecht fala, que é o racismo dos exilados entre si. Porque tinha um árabe marroquino, um árabe tunisiano e uma venezuelana e aquilo era um saco de gato, com brigas com elementos ideológicos, lacanismo e não lacanismo. A universidade foi um inferno. Acabou que a minha experiência universitária em Brest, se me permitiu receber muitos estudantes brasileiros (o que eu poderia ter feito no hospital), não trouxe nenhum aprofundamento para os meus estudos. A não ser que eu me isolei e me dediquei mais ao que eu queria, que era ler e escrever a *História marginal da psicanálise*. Esse trabalho está sendo preparado há 10 anos.

---

<sup>1</sup> “Habitação para dirigir pesquisas”, em tradução livre, trata-se de um concurso no Ensino Superior francês que permite ao docente orientar pesquisas doutorais. Para obtê-lo é preciso realizar a defesa de uma tese congregando os trabalhos anteriormente publicados pelo candidato.

## Entrevistadores – E a *Paris 7*?

*Prado de Oliveira* — Como todo professor é obrigado a se filiar a um laboratório de pesquisa, e em Brest a briga era tanta que não tinha mais laboratório, eu me vinculei ao laboratório de pesquisas da *Paris 7*. Mas como o pessoal de *Paris 7* tinha se tornado muito lacaniano, a minha filiação era mais formal e administrativa do que integrada. Por exemplo, eu mandava os livros que eu publicava pra *Paris 7*, mas eles não davam nenhuma difusão. Ou não me convidavam para participar dos eventos de lá. Daí eu fiquei um professor pesquisador marginalizado por lá. Eu me liguei ao laboratório da *Paris 7* graças ao Alain Vanier, que sempre foi muito acolhedor e desprovido desse racismo. Eu fiquei no laboratório entre 2007 e 2015, mas desde 2005 comecei a receber estudantes brasileiros. Atualmente sou professor emérito, o que me permite continuar orientando trabalhos de doutorado e recebendo estudantes brasileiros até o final da vida.

## Entrevistadores – Como está o interesse hoje na França pelas publicações de psicanálise?

*Prado de Oliveira* — Quando eu cheguei na França toda semana os jornais apresentavam críticas dos livros que tinham saído. Existiam 2 ou 3 grandes livrarias de psicanálise e nas livrarias que não eram de psicanálise existiam grandes estantes dedicadas à psicanálise. Hoje você não encontra mais nada disso. Nem nas vitrines das livrarias, nem nos jornais. É raro os jornais fazerem alguma avaliação crítica de livros de psicanálise. Uma ou outra emissão de rádio, de vez em quando um programa de televisão. A Élisabeth Roudinesco ainda é um *people* da psicanálise, ela é capaz de badalar muito. Os psicanalistas da Sociedade Britânica de Psicanálise, ou muitos da França, não escrevem mais sobre psicanálise como se escrevia antigamente. Eles escrevem sobre uma literatura “psicanalizanteada”.

## Entrevistadores – Você acha que a psicanálise está se renovando?

*Prado de Oliveira* — Não, não. Hoje, onde você vê jovens é nas faculdades onde houve um movimento forte da psicanálise. Hoje, 80% dos estudantes de doutorado da *Paris 7* são estrangeiros. Sem eles *Paris 7* o estudo doutoral em psicanálise da *Paris 7* não existe. Todos ficam espantados com a teoria do Freud. Mas ele criou também outro negócio que se juntou à teoria e que no século XX é muito impressionante. Freud criou uma profissão. Quando na época do Kant, há uma separação entre filosofia e medicina, está se criando uma profissão, a medicina, com suas armas, disciplina e objeto particular. Dentro da medicina começa a se criar uma especialidade cujo vínculo com ela é duvidoso, mas cujos pioneiros se pretendem médicos, devido a uma tradição antiga e também porque eles têm talvez uma tradição filosófica mais marcada, que é a psiquiatria. Começa então a se criar outra disciplina que vem de outras fontes mais, não totalmente estrangeiras, que é a psicologia. No final do século XIX, começo do século XX, já ficou evidente que a psiquiatria não vai resolver um problema. Há uma vaga de criação da psiquiatria e há uma vaga da criação da psicologia. Quando o Bleuler corrige o Kraepelin e cria o conceito de esquizofrenia, ele já está acabando com aquela tentativa que houve entre 1830 e 1900 de criar uma psiquiatria. O que o Bleuler vai propor já é outra psiquiatria, uma psiquiatria do século XX que se alimenta da psicanálise. Mesmo quando ele se separou do Freud, porque o Freud quis criar a Associação Psicanalítica Internacional, ele continuou em contato com a psicanálise, ele tinha suas opiniões, continuou próximo do Jung, continuou a desenvolver essa psicanálise do Jung. Jung que, por cortesia, delicadeza, educação, resolveu não chamar de psicanálise, mas de Psicologia Analítica, para não desagradar a paranoia freudiana de que a psicanálise sou eu e só eu. Mas a psicanálise é uma profissão. O Freud criou essa profissão para a qual ele forneceu um arcabouço teórico poderoso. A psicanálise é uma profissão que nasce da decepção com a psiquiatria e com a psicologia. Durante toda a primeira metade do século XX até 1970, a psicanálise cresce e se difunde baseada na multiplicação de uma profissão. Inicialmente, “eu posso ganhar a

vida com psicanálise”. Depois começa “eu sou psiquiatra e utilizo a psicanálise” ou “eu sou psicólogo e utilizo a psicanálise”. Com Lacan começa a acontecer “eu sou filósofo e utilizo a psicanálise” ou “eu sou outra coisa e utilizo a psicanálise”. Então, o Freud tinha criado uma profissão e essa profissão se remodela um pouco. Mas, a partir de 1970, nos Estados Unidos, a capacidade de recrutamento para a formação de novos analistas se extingue. Começa a se enfraquecer. E o que o corre nos Estados Unidos vai ocorrer também na França e no Brasil. Nenhum jovem inteligente hoje vai estudar psicanálise para ganhar a vida com a psicanálise. Então a pergunta seria: a psicanálise tem ainda condição de se manter como profissão? Na nossa sociedade que vai avançando, tudo o que esteja baseado apenas no “espírito” vai desaparecendo.

### **Entrevistadores – E esses jovens que estão estudando a psicanálise hoje, o que eles vão passar para a frente, como será a transmissão deles?**

*Prado de Oliveira* – Nos Estados Unidos eles fazem projeções das profissões do futuro. Uma das profissões que eles acham que vai ter muito sucesso é a profissão de mediador conjugal, de conselheiro conjugal. Porque quanto mais a família se revela artificial, ou quanto mais a família vai ficando artificial nas sociedades capitalistas avançadas, mais precisa... Hoje em dia tem curso de maternidade. Tem curso para ensinar as mães como serem mães. Mas a psicanálise continua, Freud criou um negócio, talvez não vá continuar tanto quanto o pensamento de Aristóteles continuou, mas Freud ocupou e correspondeu a uma revolução do pensamento que veio a resolver uma série de questões. Ainda existem bolsões de resistência em lugares onde a psicanálise não estava presente antes...

### **Você vê que há uma depressão de instituições?**

*Prado de Oliveira* — Há uma confusão. Quando você lê a literatura psicanalítica atual, francesa, ela se fecha cada vez mais numa linguagem esotérica ou então numa linguagem técnica. Ela vai perdendo toda

a capacidade evocativa. Só sectário pode ler, compreender. Ela vai perdendo tudo. Há uma degradação literária. Não é boa literatura.

**Você comentou que a psicanálise é uma *pâtisserie* vienense [viennoiserie]. *Pâtisserie* não chega a ser um desprestígio. Do ponto de vista dela, a *pâtisserie* é legal, não é um desprestígio, mas chamar a psicanálise de *pâtisserie* é muita ironia, ela vale como um *éclair* ou qualquer coisa assim...**

*Prado de Oliveira* — Éclair é um esclarecimento, não é? É uma luz.

Recebido: 22/06/2018

*Received:* 06/22/2018

Aprovado: 06/07/2018

*Approved:* 07/06/2018